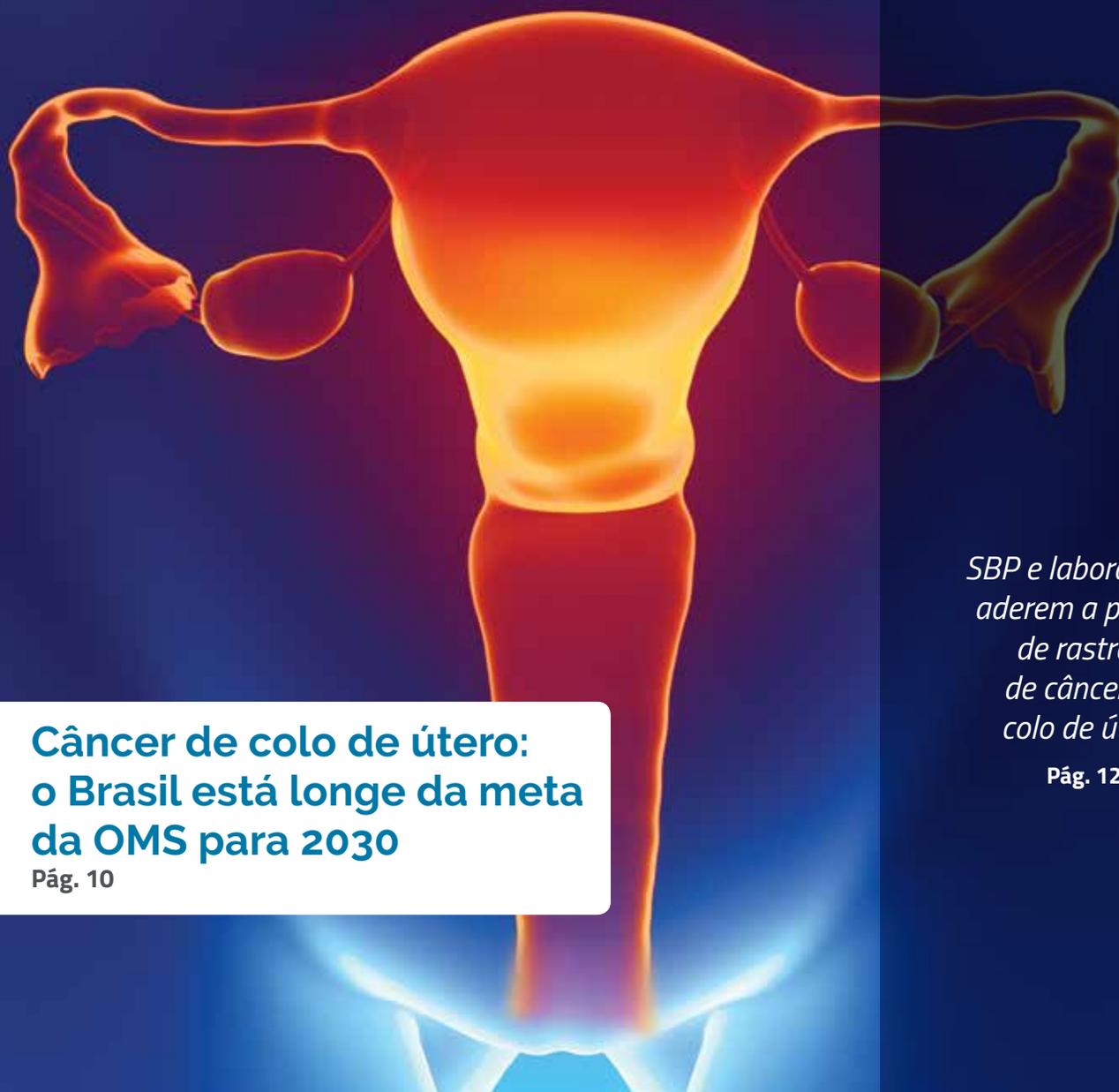


O PATOLOGISTA

Uma publicação
trimestral da
Sociedade Brasileira
de Patologia (SBP)
ISSN 1807-1740

Edição
OUT / NOV / DEZ
2021
Número
146



Câncer de colo de útero: o Brasil está longe da meta da OMS para 2030

Pág. 10

*SBP e laboratórios
aderem a projeto
de rastreio
de câncer de
colo de útero*

Pág. 12

Revista SAEP

Estudo mostra que TGF β 1 está ativa
em metade dos cânceres de mama

Pág. 6

Especial

Laboratório IRA OCPM
investe no PACQ

Pág. 8

Lançamento

Bogliolo, um clássico
que chega à 10ª edição

Pág. 13

Homenagem

O legado inestimável do
Professor Antônio Corrêa Alves

Pág. 15



Sociedade
Brasileira de
PATOLOGIA

- 04 **Acerte o diagnóstico na seção Mais que mil palavras**
- 06 **Estudo mostra que TGFβ1 está ativa em metade dos cânceres de mama**
- 07 **Conheça a trajetória do médico patologista Dr. Felipe Luzzatto**
- 08 **A importância do PACQ para o laboratório IRA OCPM**
- 10 **Vamos falar sobre o cenário de câncer de colo de útero no Maranhão**
- 12 **Parceria da SBP e SESAI em prol da saúde das mulheres indígenas**
- 13 **Bogliolo: clássico da patologia chega à 10ª edição**
- 14 **Criação do Fundo Daniela Correia Salles, MD**
- 15 **Nossa homenagem ao Professor Antônio Corrêa Alves**

Chegamos a mais um fim de ano, com a última edição do nosso jornal *O Patologista*. Trazemos nesta edição para você, uma excelente matéria, abordando um desafio da saúde do Brasil e do mundo: o câncer do colo uterino. Nesse contexto, o patologista tem um papel crucial: o diagnóstico de lesões precursoras e o diagnóstico precoce de lesões invasoras. Dessa forma, conseguimos ajudar no combate ao câncer de colo uterino, que mesmo sendo um tumor de diagnóstico relativamente fácil, por meio do exame de rotina colpocitológico, o Papanicolaou, o número de mortes por esse tumor mantém-se elevado. Para falar sobre esse assunto, entrevistamos a Dra. Raimunda Ribeiro da Silva, médica patologista, professora da Universidade Federal do Maranhão e líder da pesquisa Estudo do Câncer de Colo de Útero, a primeira iniciativa desse tipo na região.

Mantendo esse tema do câncer de colo uterino, temos na seção "Reportagem", a iniciativa da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), em parceria com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), com valioso trabalho de rastreamento dessa doença entre as mulheres indígenas na região Norte do país. Em "Anatomia do Patologista", mostramos a trajetória do Dr. Felipe Luzzatto, chefe do Serviço de Patologia da Santa Casa de Porto Alegre (RS) e médico patologista no Laboratório LZ Patologia, também na capital gaúcha. Patologista dedicado, especialista em patologia mamária, ele conta sobre suas escolhas que o tornaram esse competente médico.

Além disso, convido a ler as matérias sobre: o lançamento da 10ª edição do livro *Bogliolo*, um clássico da Patologia, que acaba de completar 50 anos, tendo nessa reedição a participação de vários colegas e amigos patologistas; também temos o artigo publicado na *Surgical and Experimental Pathology (SAEP)*, a nossa revista científica, sobre o TGFβ1 e câncer de mama; e a experiência de acreditação do PACQ do laboratório IRA OCPM, em Belo Horizonte (MG).

Trazemos também homenagens especiais a dois patologistas importantes para a história de nossa especialidade e que tristemente nos deixaram: o Prof. Antônio Corrêa Alves e a Dra. Daniela Correia Salles. Você lerá sobre a trajetória e dedicação desses profissionais a nossa tão querida especialidade, sendo que um deles teve, inclusive, um fundo criado com seu nome, voltado ao investimento na educação de jovens patologistas – iniciativa da instituição em que trabalhava, o Hospital Johns Hopkins, em parceria com a SBP. Com isso, eu e toda equipe da SBP desejamos uma boa leitura, agradecemos a parceria de mais um ano e desejamos a todos boas festas.

Abraços cordiais,



Gerusa Biagione Tiburzio

Diretora de Comunicação Social e editora responsável pelo jornal *O Patologista*

Expediente

Sociedade Brasileira de Patologia

Rua Topázio, 980 - Vila Mariana - São Paulo/SP
CEP: 04105-063 | Fone: (11) 5080-5298
www.sbp.org.br

Diretoria Executiva (2020 – 2022)

Presidente: Kátia Ramos Moreira Leite (SP)
Vice-Presidente para Assuntos Acadêmicos: Isabela Werneck da Cunha (SP)
Vice-Presidente para Assuntos Profissionais: Emílio Augusto Campos Pereira de Assis (MG)
Secretária Geral: Marina De Brot (SP)
Secretário Adjunto: Romulo Loss Mattedi (SP)
Tesoureiro: Thales Parenti Silveira (SP)
Tesoureiro Adjunto: Carlos Augusto Moreira Silva (PA)

Departamentos

Científico: Maria Dirlei F.S. Begnami (SP)
Controle de Qualidade: Larissa Cardoso Marinho (GO)
Defesa Profissional: Thiago Barreto Frederique (SP)
Ensino: Felipe D'Almeida Costa (SP)
Especialidades: Igor Campos da Silva (BA)
Tecnologia da Informação: Fábio Daniel Molinari (SP)
Relações Internacionais: Fábio Rocha Fernandes Távora (CE)
Residentes: Hellen Meiry Grosskopf Werka (RS)
Comunicação Social: Gerusa Biagione Tiburzio (SP)

Conselho Fiscal

Daniel Cury Ogata (SC), Valquíria de Araújo (SP),
Verônica Resende Lima (RJ)
Suplente: Raquel Silva Araujo (SP)

Conselho Consultivo

Clóvis Klock (RS), Fernando Augusto Soares (SP), Renato Lima de Moraes Jr. (SP)

Comissão de título de especialista

Aloísio Souza Felipe da Silva (SP),
Angela Cristina Gouvêa Carvalho (RJ),
Cleto Dantas Nogueira (CE), Daniel Abensur Athanazio (BA), Daniel Cury Ogata (SC),
Felipe D'Almeida Costa (SP), José Cândido Caldeira Xavier Júnior (SP)

O Patologista

Editor Responsável: Gerusa Biagione Tiburzio
Conselho Editorial: Aline Carldart Tregnano, Kátia Ramos Moreira Leite, Leda Rufino, Leonardo Lordello e Raimundo Gerônimo da Silva Júnior
Jornalista Responsável: Moura Leite Netto (MTB 44.949-SP)
Editora: Lídia de Santana
Reportagem: Danielle Lago, Lídia de Santana e Moura Leite Netto
Assessoria de Imprensa: SENSU Consultoria de Comunicação
Revisão Ortográfica: Moura Leite Netto
Projeto Gráfico: Criativivo
Diagramação: Detalhe Publicidade
Tragem: 3 mil exemplares
Impressão: CompanyGraf
Foto de Capa: Imagem da Depositphotos

Estimados colegas Patologistas

O câncer do colo uterino é o 3º tumor mais comum da mulher no Brasil com taxas variáveis de 5:100.000 no estado de São Paulo a 40:100.000 no Amazonas, demonstrando a precariedade do atendimento a saúde na nossa população.

Recentemente tivemos a oportunidade de cooperar para mitigar esse processo injusto, participando junto à Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI), ligada ao Ministério da Saúde, de uma campanha de rastreamento do câncer de colo uterino.

Desatendidas há muito tempo, as mulheres indígenas perderam o interesse e a confiança no rastreamento, pois muitos resultados demoravam até um ano para retornar ou nunca chegavam. Em uma parceria com o SESAI, a SBP conseguiu reunir 11 laboratórios que se voluntariaram a examinar até 1.000 citologias cérvico-vaginais das mulheres indígenas da região Norte do país. A expectativa era de 10 mil exames, que seriam realizados até o final de julho de 2021, mas esse número não chegou a ser atingido e permanecemos nessa parceria para que esse objetivo seja conquistado.

A repercussão desse projeto foi maravilhosa entre a população indígena e os profissionais da linha de frente desse atendimento. Já identificamos algumas lesões e essas mulheres já foram encaminhadas para tratamento. Desse primeiro projeto, nasceu uma relação de confiança entre a SBP e o SESAI que transbordou a nossa especialidade e motivou um grupo de ginecologistas do Hospital das Clínicas de São Paulo a realizar programas para o atendimento dessas mulheres.

Além disso, notamos alguma precariedade nas coletas e produzimos um filme educacional que será transmitido aos centros de saúde que atendem a toda a população indígena do país para o treinamento desses profissionais. O que mais me emocionou em todo esse processo foi perceber como os patologistas brasileiros são humanos e estão dispostos a contribuir para a melhoria da qualidade de vida do nosso povo. Não

ouvi um não, muito pelo contrário, só recebi entusiasmados sins, demonstrando a solidariedade de nossos colegas.

Infelizmente temos que lamentar profundamente a perda súbita de dois colegas queridos, Dra. Daniela Salles e Dr. Antônio Alves, que nos entristeceu a todos e deixaram duas lacunas que não serão preenchidas.

Abraço fraterno,

Dra. Kátia Ramos Moreira Leite

Presidente da SBP

Desatendidas há muito tempo, as mulheres indígenas perderam a confiança no rastreamento, pois muitos resultados demoravam até um ano para retornar. Em uma parceria com o SESAI, a SBP conseguiu reunir 11 laboratórios que se voluntariaram a examinar até 1.000 citologias cérvico-vaginais das mulheres indígenas



Agenda

Caro leitor,

Fechamos esta edição durante o período de pandemia da Covid-19 em que eventos foram suspensos ou migrados para versões on-line, com objetivo de evitar aglomerações. Para ficar atualizado em relação às aulas do programa EAD da SBP, acesse a área do site especialmente destinada a divulgar os cursos.

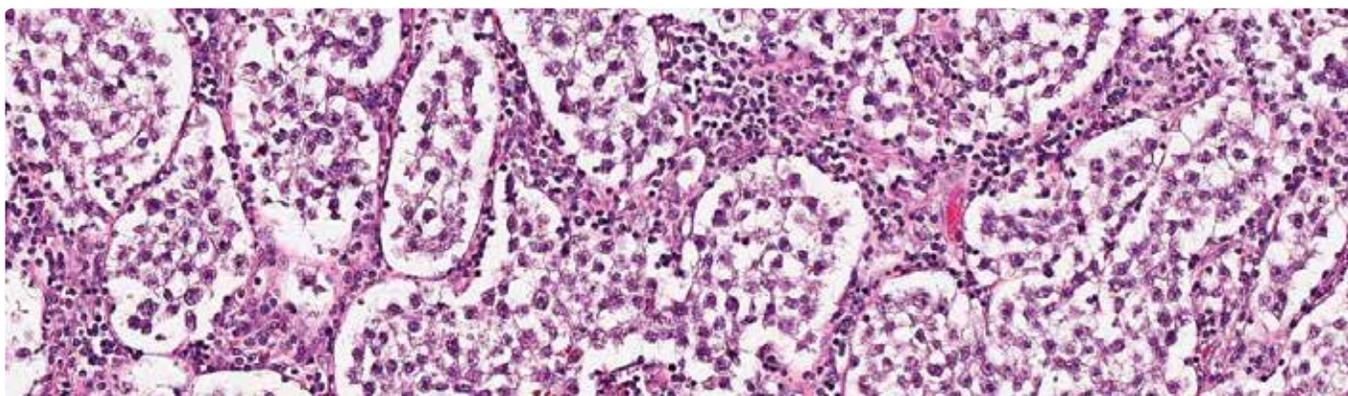
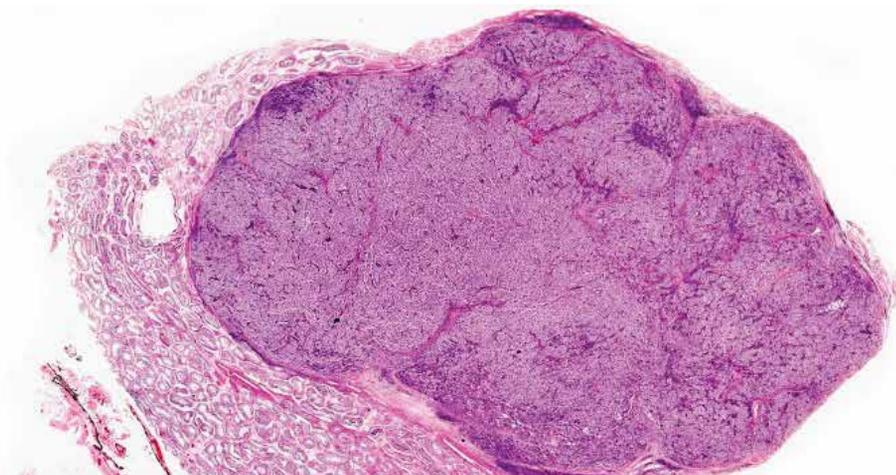
A agenda é atualizada semanalmente. Confira!



Confira aqui os eventos on-line atualizados semanalmente no site da SBP.

[HTTP://WWW.SBP.ORG.BR/EVENTO/](http://www.sbp.org.br/evento/)

Mais que mil palavras



Paciente masculino, 20 anos, com tumor no testículo. Qual seu diagnóstico doutor?

Nesta seção, desafiamos os leitores a analisar e acertar um diagnóstico. Então, veja as imagens e as informações fornecidas. Pense em sua resposta. Será que você vai acertar? Observamos nas imagens: neoplasia de células germinativas exibindo população uniforme de células tumorais com amplo citoplasma claro (devido ao conteúdo de glicogênio), membranas celulares proeminentes e nucléolo proeminente. As células

tumorais são organizadas em pequenos ninhos ou aglomerados separados por trabéculas fibrosas contendo linfócitos e células plasmáticas.

Confira a resposta abaixo.

Crédito: Dr. Gerônimo Jr., médico patologista e assessor especial do Departamento de Comunicação Social da SBP.

Resposta: Seminoma

O MUNDO MUDOU E NÃO HÁ PESSOA NO MUNDO QUE NÃO TENHA SIDO IMPACTADA POR ESSE PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DIGITAL!

Nós também mudamos! Cadastre-se na nossa página de contato do site para receber nossas novidades e atualizações ou entre em contato pelo chat e Whatsapp!



SEJAMOS NAS
REDES SOCIAIS



**VISITE
NOSSO SITE**

E-MAIL: INOPAT@INOPAT.COM.BR
TEL.: +55 11 3865-0042
WHATSAPP: +55 11 91303-9116



CellPreserv

Kit coleta CellPreserv

para citologia em base líquida
e exames moleculares



100% do material é coletado
no líquido de preservação



Solução CellPreserv para
preservação de DNA e RNA

Vários exames com uma só coleta

Painel infeccioso:

- > HPV
- > CHLAMYDIA
- > NEISSERIA
- > STREPTOCOCCUS
- > MICOPLASMA / UREAPLASMA
- > HERPES
- > CANDIDA
- > TRICHOMONAS
- > PERFIL TROMBOFILIA



Aponte a câmera do seu celular
para o QR code ao lado
e saiba mais.



Composição:

- 1 Espéculo vaginal
- 1 Frasco com solução CellPreserv
- 1 Espátula de Ayre plástica
- 1 Escova cervical

Sinalização de TGFβ1 está ativa em cerca de metade dos cânceres de mama

Investigação em tecidos primários de mama mostra que o TGFβ1 exerce efeitos supressores de tumor nos subgrupos p53-negativos ou luminal-B HER2 positivos

O fator de crescimento transformador beta (TGFβ), um dos fatores de crescimento presentes no leite, apresenta uma sinalização que exerce efeitos específicos do contexto na patogênese do câncer de mama, interferindo no controle da expressão, suscetibilidade e apresentação clínica no câncer de mama. Partindo desta premissa, pesquisadores do departamento de Ciências Patológicas da Universidade Estadual de Londrina avaliaram a expressão de componentes de sinalização de TGFβ em 34 tecidos primários de mama e concluíram que a sinalização canônica do TGFβ1 é ativada em aproximadamente metade dos cânceres de mama. Os dados são do estudo TGFβ1 pathway components in breast cancer tissue from aggressive subtypes correlate with better prognostic parameters in ER-positive and p53-negative cancers, publicado na Surgical and Experimental Pathology, revista científica da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP).

Dentre os diferenciais do trabalho está a investigação da associação entre a sinalização de moléculas de TGFβ com o prognóstico de câncer de mama, algo pouco usual, assim como é também incomum considerar os subtipos das doenças e os polimorfismos de nucleotídeo único (SNPs), algo que também é foco neste estudo. Na metodologia adotada, a imunocoloração para TGFβ1, TGFβRII e fosforilado (p) -SMAD2 / 3 foi investigada em tumores primários de pacientes com os subtipos luminal-B-HER2 + (LB-HER2), HER2-enriquecido (HER2) e triplo negativo (TN), com genotipagem para SNPs TGFβ1 (rs1800468, rs1800469, rs1800470 e rs1800471) e TGFβR2 (rs3087465).

O marcador TGFβ1 e os subtipos de câncer de mama

Fortes correlações positivas foram observadas entre TGFβ1, TGFβRII e p-SMAD2 / 3 no tecido tumoral e uma

correlação inversa foi observada entre os níveis intratumorais e plasmáticos de TGFβ1 em cânceres de mama triplo-negativos. Em tumores LB-HER2 +, pSMAD2 / 3 foi observada associação com idade mais avançada no diagnóstico e inversamente, identificou-se uma correlação com coloração de p53 e metástase linfonodal, enquanto o tamanho do tumor se correlacionou negativamente com TGFβ1 e TGFβRII neste subgrupo de câncer de mama. Além disso, acrescentam os autores, os cânceres de mama p53 negativos, assim como fatores como tamanho do tumor e marcação de Ki67 se correlacionaram negativamente com TGFβ1, TGFβRII e p-SMAD2 / 3. Nenhuma correlação foi encontrada entre SNPs e expressão de componentes de sinalização de TGFβ1.

O trabalho teve suporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Fundação Araucária do Paraná (FAP) e da Coordenação de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Paraná (PROPPGUEL). Os pesquisadores ressaltam que são recomendados outros estudos prospectivos, com amostras maiores, que possam confirmar esses achados e revelar biomarcadores prognósticos e terapêuticos promissores para esses subtipos de câncer de mama.

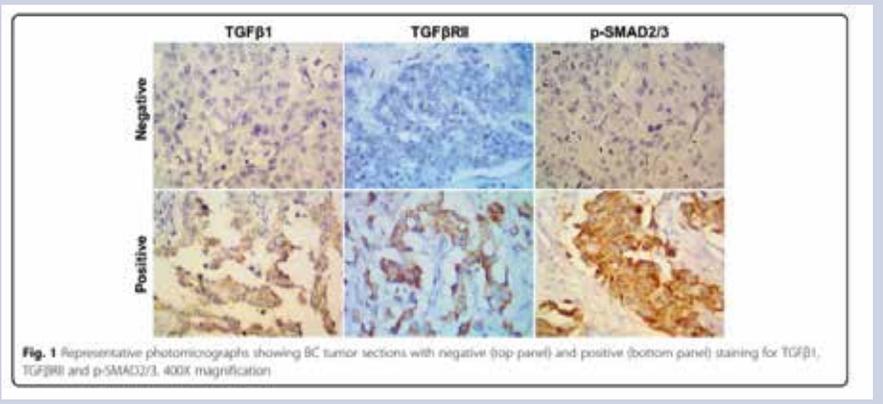


Fig. 1 Representative photomicrographs showing BC tumor sections with negative (top panel) and positive (bottom panel) staining for TGFβ1, TGFβRII and p-SMAD2/3. 400X magnification



Artigos recentes da Surgical and Experimental Pathology

1. Bubbles in the belly- a case based approach to cystic peritoneal masses.
2. Malignant giant solitary fibrous tumour of the mediastinum; masquerading Triton tumour
3. A call to action: molecular pathology in Brazil.
4. Recurrent lymphangioleiomyomatosis in a lung allograft with COVID-19: autopsy case report and literature review.
5. Assessing viability of a minimally invasive autopsy technique in ascertaining the probable cause of death in patients who were SARS CoV19 positive at the time of their demise



Entre lâminas e notas musicais, venceu o amor pela patologia

Aulas de violino e visitas a laboratórios com o pai médico patologista marcaram a infância e adolescência do Dr. Felipe Luzzatto, hoje um dos destaques em patologia mamária de sua geração

Música ou patologia? Aos 18 anos, às vésperas do vestibular, essa era a dúvida do jovem Felipe Luzzatto. “Eu tocava violino e gostava muito de música erudita”, lembra. Bom, não dá para saber se o Brasil perdeu um grande artista, mas é certo que a medicina ganhou um grande patologista, que analisa as lâminas ao som de música clássica. Paralelamente às aulas de violino, a outra paixão, herdada de uma família de médicos, com pai patologista, falou mais alto. “Era comum eu acompanhar meu pai, desde criança, a laboratórios de Patologia, dessa forma, fui me aproximando da especialidade e achando tudo cada vez mais interessante”, explica.

Assim começou a história do Dr. Felipe Luzzatto, atualmente chefe do Serviço de Patologia da Santa Casa de Porto Alegre (RS) e médico patologista no Laboratório LZ Patologia, também na capital gaúcha. Ele conta que durante a Residência no Hospital das Clínicas, da USP - Ribeirão Preto foi se aproximando da patologia mamária. “Fiz uma excelente formação em Ribeirão Preto, mas queria aprender mais sobre patologia mamária”, afirma. Para isso, Dr. Felipe foi para o Instituto Europeo de Oncologia, em Milão, Itália, inicialmente para ficar um ano, que se transformou em três, retornando para o Brasil em 2005, depois de concluir o seu fellowship em Patologia Cirúrgica e o seu Master (especialização) em patologia mamária.

“A especialização é um caminho importante que eu sempre quis trilhar. Além do Instituto Europeo de Oncologia, tive experiências internacionais enriquecedoras nos Estados Unidos, Holanda e Suécia. Hoje com a internet, o contato com especialistas de outros países por meio de cursos está mais fácil. Mas eu sou da geração limítrofe, lidei com o mundo analógico e passei pela transição com a chegada da internet”, diz. Dr. Felipe recorda como ficou feliz quando foi para o exterior fazer a especialização e pôde ter um computador só para ele, onde os laudos, que no Brasil ainda eram escritos de próprio punho pelo médico, já eram digitados e só assinados manualmente. Segundo Dr. Felipe, embora a digitalização na patologia,

ainda seja um investimento alto, a tendência é, com o passar do tempo, que este processo seja mais acessível aos patologistas, pelo aumento da tecnologia, diminuição de custos e pela troca de informações on-line cada vez mais frequente. “Quando fiz a residência, a internet ainda era lenta, no modo discado. Tudo evoluiu muito rápido nos últimos 15 anos e o acesso à informação e a troca de opiniões entre profissionais, mesmo à distância, é muito facilitada nos dias de hoje, o que é positivo”, diz.

Em termos de evolução, a oncologia e a patologia andam juntas e o destaque são os avanços moleculares. “A patologia molecular deu um grande salto na última década e colocou o trabalho do patologista mais em evidência,

“ A patologia molecular deu um grande salto na última década e colocou o trabalho do patologista mais em evidência, valorizando a especialidade para colegas de outras áreas



arquivo pessoal

valorizando a especialidade para colegas de outras áreas”, afirma. Além disso, Dr. Felipe destaca o trabalho de divulgação da especialidade feito pela Sociedade Brasileira de Patologia (SBP).

Na patologia mamária, os inúmeros avanços da biologia molecular ao mesmo tempo que impõem o desafio da atualização para o médico, trouxeram benefícios inestimáveis para as pacientes acometidas pelo câncer de mama. “Hoje temos como saber se uma paciente será beneficiada ou não da quimioterapia antes de optar por esse tratamento”, exemplifica.

Para quem vai trilhar o caminho da patologia, Dr. Felipe afirma que o principal é realmente gostar da área. “O médico patologista nunca para de estudar, razão pela qual é fundamental acompanhar constantemente a evolução da especialidade”, diz.

Laboratório IRA OCPM, sempre na trilha da qualidade



Time de colaboradores do IRA OCPM

Em 2018, a instituição escolheu o PACQ, por ser um programa de qualidade específico da patologia e ter a chancela da SBP. Neste ano, o IRA OCPM submeteu-se pela quarta vez ao processo e auditoria da acreditação

Desde a primeira conquista do Programa de Acreditação e Controle de Qualidade (PACQ), da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), em 2018, muita coisa mudou no IRA OCPM (Oncoclínicas Precision Medicine), laboratório localizado em Belo Horizonte (MG). Naquela época, os diretores eram a Dra. Silvana de Alvarenga Ribeiro e o Dr. Carlos Alberto Ribeiro, conhecido como Dr. Guaxupê, e o laboratório se chamava Instituto Roberto Alvarenga (IRA). Em 2020, ganhou o nome atual e passou a fazer parte do grupo Oncoclínicas, transformando-se em um laboratório especializado em genômica, bioinformática e oncogenética, que oferece cuidado individualizado ao paciente.

Mas a decisão dos gestores originais da instituição de optar por uma acreditação voltada à patologia permaneceu. “Dra. Silvana e Dr. Guaxupê escolheram o PACQ por ser um programa de qualidade específico para laboratórios anatomopatológicos, com

credibilidade e auditores que conhecem os processos da especialidade. Além disso, pelo reconhecimento da SBP”, afirma Alicia Coelho Silva, analista de Qualidade do laboratório IRA OCPM.

Auditoria remota

Assim, desde 2018, foram quatro auditorias realizadas, a mais recente uma experiência diferente porque aconteceu de maneira remota devido à pandemia da Covid-19. Alicia conta que estava curiosa para ver como tudo correria. “Foi grandioso, mesmo com as limitações da pandemia, a auditoria a distância manteve o olhar criterioso, não deixou de acompanhar na ponta o processo girando, as evidências foram compartilhadas, os colaboradores interagiram”, informa.

Para a analista de qualidade, que atua no laboratório desde a primeira acreditação do PACQ, é nítido o amadurecimento do IRA OCPM em relação à acreditação. “Os auditores

conseguem extrair e exaltar o que temos de melhor no processo e apontar as oportunidades de melhoria de modo a garantirmos a segurança do paciente. Isso é o que mais me deixa satisfeita ao final de cada auditoria”, afirma.

O desafio de manter a conquista

Os maiores desafios quando se decide trilhar a jornada da qualidade por meio de uma acreditação como o PACQ, na opinião de Alicia, são conseguir a padronização dos processos, alinhar, desenhar, esboçar o fluxo e engajar todos os colaboradores. E depois, manter a acreditação, colocar a organização em um processo contínuo que já foi definido e será constantemente aperfeiçoado. “É preciso ter maturidade de sempre pensar na melhoria contínua, e não estacionar. É saber que nosso processo sempre tem o que melhorar. O foco do IRA OCPM sempre foi garantir a segurança

e satisfação do paciente e para isso, todos têm que ter a mesma percepção e engajamento dentro da organização”, afirma.

Engajamento do time

O engajamento dos colaboradores em todo o processo de qualidade é foco estratégico do IRA OCPM. Portanto, o time sempre participa desde o começo da acreditação. Entre os exemplos desse engajamento está o reporte de incidentes no sistema do

laboratório no qual todos têm autonomia e a notificação realizada no momento da sua identificação.

Além disso, tudo é transparente: no Painel de Gestão à Vista estão os indicadores; as reuniões mensais da Qualidade com responsáveis de cada setor, tendo como pauta principal as análises de indicadores e ações abertas durante o mês; e o repasse da pauta aos demais colaboradores.

Investir em treinamento dos colaboradores também faz parte da estratégia do IRA OCPM. “Nosso programa anual de treinamento aborda, entre outros aspectos, os documentos da qualidade e procedimentos escritos”, completa Alicia.

Os benefícios da conquista

Todo esse esforço reverte em benefícios para o time, que além de trabalhar de maneira mais eficiente, também se torna mais especializado, e para o laboratório que ao oferecer mais qualidade e



segurança para o paciente, ganha mais credibilidade no mercado. “O processo de acreditação traz a padronização dos processos, a interação dos colaboradores nas pautas. Ficamos ainda mais eficientes na identificação de incidentes, no momento de reportar e de criar análise crítica do processo e elaborar plano de ação para melhorar determinado fluxo”, resume. Com tudo isso, o IRA OCPM tornou-se mais competitivo, diminuiu retrabalho e reduziu custos, além de consolidar a cultura da segurança do paciente em toda a organização.



Alicia, analista de Qualidade do laboratório IRA OCPM

O que é PACQ?

O Programa de Acreditação e Controle da Qualidade (PACQ), da SBP é uma iniciativa voltada à qualidade no atendimento do paciente e da gestão do laboratório. Desenvolvido especialmente para a área de patologia, o PACQ é composto por requisitos dispostos em categorias determinadas, de acordo com os diversos

setores laboratoriais, desenvolvidos para contemplar áreas técnicas e de gestão. O objetivo principal é auxiliar os serviços que se candidataram ao programa a alcançar excelência nos seus processos e procedimentos, considerando a legislação pertinente, proporcionando segurança ao paciente, aos seus colaboradores e

credibilidade junto aos médicos e à sociedade.



Para saber mais, acesse:
<http://pacq.sbp.org.br/>

SUPER LANÇAMENTO

Impressoras para cassetes e lâminas a Laser com qualidade e garantia de uma empresa certificada.



www.lupetec.com.br
Tecnologia aplicada à vida.



Câncer de colo de útero: doença oncológica evitável que ainda mata muitas brasileiras

O câncer de colo de útero é evitável e a Organização Mundial da Saúde (OMS) traçou a meta para erradicar a doença globalmente até 2030. Mas como está o cenário brasileiro em relação a isso? Sobre esse tema conversamos com a Dra. Raimunda Ribeiro da Silva, médica patologista, professora da Universidade Federal do Maranhão, líder da pesquisa Estudo do Câncer de Colo de Útero, a primeira iniciativa desse tipo na região. Confira a entrevista.

O Patologista – O que motivou o trabalho Estudo do Câncer de Colo de Útero?

Dra. Raimunda – A partir de 2017, começamos a perceber na rotina da patologia um aumento de casos de câncer de colo de útero. No Hospital do Câncer Aldenora Bello, centro oncológico de alta complexidade, em São Luís (MA), os óbitos por câncer de colo de útero em 2017 comparado a 2016, cresceram 20%, ultrapassando o número de óbitos por câncer de mama. Também aumentaram os casos da doença em mulheres jovens, entre 20 e 29 anos. Portanto, o estudo foi motivado pelo nosso desejo de entender o que estava acontecendo.

O Patologista – Como está sendo realizada essa pesquisa e em que etapa se encontra?

Dra. Raimunda – Iniciamos o trabalho em 2018 e devemos concluir no final deste ano. Já coletamos os dados e estamos na etapa de análise das informações. Participaram da pesquisa 900 pacientes do Hospital do Câncer

Aldenora Bello, sendo 300 casos e 600 controles. Nosso objetivo é traçar um panorama dos fatores de risco para o câncer de colo de útero no estado do Maranhão.

O Patologista – Qual é o perfil das pacientes que participaram do estudo?

Dra. Raimunda – A maioria das pacientes é atendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), residentes na capital e no interior do estado. Boa parte delas com menos de 25 anos e, apesar da pouca idade, muitas são mães, algumas com mais de 10 filhos. Em geral, são solteiras e não contam com auxílio do pai dos filhos. Em uma situação de hospitalização, é comum que o filho mais velho, com idade entre 8 e 12 anos, cuide dos irmãos mais novos. Essas pacientes têm baixa escolaridade e renda inferior a um salário-mínimo. Elas iniciam a vida sexual em idade precoce e têm múltiplos parceiros, o que aumenta o risco para HPV, fator de risco importante para a doença. Muitas chegam ao hospital já na fase adiantada do câncer de colo de útero e precisam ser encaminhadas para cuidados paliativos, já que apresentam estadiamento avançado, por vezes com insuficiência renal aguda, entre outros indicativos de doença avançada.

O Patologista – Por que é importante realizar esse estudo no Maranhão?

Dra. Raimunda – O câncer de colo de útero é uma das principais causas evitáveis de mortalidade entre mulheres no mundo. De acordo com a OMS, esse tipo de câncer lidera como causa de mortalidade em 36 países da África, América do Sul e Sudeste Asiático. A disparidade entre países de alta e baixa renda chama a atenção. Com incidência superior a 40 casos para cada 100 mil mulheres/ano na África, enquanto nas regiões de alta renda, como o norte e oeste da Europa, com incidência inferior a 4 casos para cada 100 mil mulheres/ano. Mesmo em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, há diferenças regionais, que não são tão profundas quanto no Brasil, mas é certo afirmar que nos dois casos as minorias raciais e étnicas e as moradoras de zonas rurais tem menos acesso a rastreamento, vacina anti-HPV e tratamento precoce de câncer de colo de útero. Em relação às regiões Norte e Nordeste do Brasil, não temos estudo específico sobre o perfil epidemiológico da



arquivo pessoal

doença, o que é essencial para direcionar ações de prevenção personalizadas. Por exemplo, a população carente do Maranhão desenvolve o câncer de colo de útero em tempo mais curto porque está exposta a múltiplos fatores de risco. Na literatura científica, a evolução do câncer de colo de útero na história dessas pacientes leva em torno de 10 anos. No Maranhão, as jovens do estudo relatam o início da atividade sexual, muitas vezes, antes dos 15 anos de idade; aos 20 anos, já apresentam lesões de alto grau e antes dos 25 anos há muitas com neoplasias avançadas.

O Patologista – Como reverter esse cenário?

Dra. Raimunda – O grande fator de risco para câncer de colo de útero é o HPV. Assim, todas as medidas devem ser voltadas para evitar essa infecção. Além disso, falta de conscientização sobre a doença e diagnóstico e tratamento tardios. É preciso identificar os fatores regionais e colocar em prática medidas de saúde pública para combatê-los. Temos as ferramentas para isso: a vacina anti-HPV nos postos públicos e o diagnóstico precoce, que aumenta as chances de cura, pode ser feito pelo exame de Papanicolaou, que seleciona quais casos precisam de biópsia cervical com colposcopia. Além da questão humana, colocar em prática políticas públicas que permitam que essas ferramentas cheguem à população mais carente também traz benefícios financeiros para o sistema de saúde. É muito menos custoso prevenir do que tratar o câncer. Também é muito mais barato tratar um câncer em fase inicial do que avançado. Fundamental é a prevenção secundária, feita pelo exame Papanicolaou, que deve ser amplamente divulgada e realizada com foco na detecção das lesões pré-cancerosas, com as pacientes encaminhadas para tratamento antes que a doença se apresente e se agrave.

O Patologista – Quais são os desafios para colocar todas essas medidas em prática?

Dra. Raimunda – Um de nossos desafios é o rastreio para identificação das lesões pré-neoplásicas. O exame preventivo de Papanicolaou precisa estar disponível para a população carente. Além disso, a acurácia do Papanicolaou depende da qualidade da amostra. Por isso, é importante

um profissional treinado para colher o exame; um laboratório que tenha o preparo adequado; a interpretação correta do exame; a liberação breve do resultado avaliado por um médico patologista. Tudo isso para não retardar o tratamento. A baixa escolaridade das mulheres é outro desafio porque dificulta o entendimento e conscientização sobre os fatores de risco evitáveis do câncer de colo de útero. Aqui no Maranhão, a exemplo de outras regiões do Norte e Nordeste do país, temos alto índice de analfabetismo.

O Patologista – Como você avalia o Brasil em relação a meta da OMS de erradicar globalmente o câncer de colo de útero até 2030?

Dra. Raimunda – A meta da OMS é desafiadora e depende de ações coletivas. Infelizmente no Brasil, o câncer de colo de útero tem grande participação na alta incidência das doenças oncológicas. Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram 16.590 casos no país. Em 2019, 6.596 mulheres morreram vítimas da doença. Além disso, o câncer de colo de útero é mais incidente na região Norte com 26,4 casos por 100 mil habitantes. Na região Sudeste, por sua vez, são 8,61 casos por 100 mil habitantes. É preciso avaliar quais são as medidas mais adequadas a cada região. Por enquanto, o Brasil tem caminhado em direção oposta à meta da OMS.

O Patologista – Como profissionais da saúde podem contribuir para melhorar esse cenário?

Dra. Raimunda – Muitos de nós, da Patologia, somos professores, portanto, podemos contribuir, conscientizando os médicos em geral e todos os estudantes da área médica. Os laboratórios, mesmo os pequenos, conveniados com o SUS, precisam se esforçar para agilizar a liberação do laudo. Médicos e demais profissionais de saúde podem ajudar na conscientização da população carente. Claro que a solução dessa questão depende da implementação de políticas públicas desenhadas com base nas recomendações da OMS, mas os profissionais de saúde também devem fazer sua parte. Chamo os patologistas do norte ao sul do Brasil a abraçar a causa da OMS de extinguir o câncer de colo de útero!

As jovens do estudo relatam o início da atividade sexual, muitas vezes, antes dos 15 anos de idade; aos 20 anos, já apresentam lesões de alto grau e antes dos 25 anos há muitas com neoplasias avançadas

PROCURANDO CONSUMÍVEIS
PARA O SEU LABORATÓRIO?
NA ALLKIMIA TEM!

ALLKIMIA
DANDO UMA MÃOZINHA AO SEU LABORATÓRIO

Telefone: 19 3778 2046
Whatsapp: 19 99761 3759
E-mail: vendas@allkimia.com.br

SIGA NOSSO INSTAGRAM!
@allkimiacomercio

www.ALLKIMIA.com.br

ESCOVA E ESPÁTULA
NAVALHA LEICA
FRASCO PARA BIÓPSIA
LÂMINAS PARA MICROSCÓPIO
ALLKSET CASSETE HISTOLÓGICO
ALCOOL ETÍLICO
DESCALCIFICADOR

Em prol da saúde ginecológica das mulheres indígenas

Com adesão de laboratórios associados, SBP se engaja em projeto de rastreamento de câncer de colo de útero de mulheres indígenas da região Norte do país. A iniciativa em conjunto com a SESAI vai atender, no mínimo, 10 mil mulheres

A Sociedade Brasileira de Patologia (SBP) e a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) estão engajadas em um projeto que tem como objetivo enfrentar a deficiência no rastreamento da saúde ginecológica das mulheres indígenas da região Norte do País. Dra. Kátia Ramos Moreira Leite, presidente da SBP, conta que foi procurada em meados deste ano por um representante da SESAI quando teve conhecimento da precariedade do atendimento às mulheres indígenas no país.

“Além do fato da região norte contar com a maior incidência de câncer de colo de útero do Brasil, existe grande dificuldade de acesso ao sistema de saúde. As indígenas são atendidas em unidades de saúde primária do SESAI, mas o material coletado, particularmente a citologia cérvico-vaginal é enviada para laboratórios distantes e sobrecarregados. Os resultados levam meses para retornar as aldeias ou nunca chegam. Foi quando contatei alguns laboratórios e apresentei uma proposta de realizarmos uma espécie de mutirão em prol dessa população”, conta Dra. Kátia.

Segundo a presidente da SBP, até o momento 11 laboratórios do país aderiram à iniciativa de fazer gratuitamente a análise dessas citologias vaginais. “A minha grata surpresa e grande alegria foi receber um entusiasmo sim em todas as ligações”. A coleta do exame é realizada por agentes de saúde locais e o material enviado para a sede da SBP que distribui entre os laboratórios participantes. As pacientes com diagnósticos de lesão intraepitelial ou carcinoma estão sendo encaminhadas a biópsia e tratamento definitivo.

Iniciativa pioneira

A médica patologista Dra. Monique Freire Santana, assessora de graduação da SBP e pesquisadora da Fundação Centro de Controle de Oncologia do Amazonas, ressalta que o câncer de colo de útero, além da questão humana de saúde para essas mulheres, também representa uma sobrecarga para o Sistema Único de Saúde (SUS), com a necessidade de tratamentos oncológicos de quimioterapia, radioterapia etc. “É uma iniciativa pioneira e de grande valor social que os laboratórios participantes estão realizando de modo voluntário”, afirma.

De acordo com Dra. Kátia, um terço do projeto já foi concluído com mais de 3.000 exames realizados. “Mas se houver demanda maior, podemos superar esse número.



divulgação/Seesai

Confira os laboratórios participantes do projeto

LABORATÓRIO	CIDADE / ESTADO
Centro Integrado de Anatomia Patológica de Brasília	Brasília - DF
CIDAP – Centro de Investigação e Diagnóstico em Anatomia Patológica	Juiz de Fora - MG
CientíficaLab Produtos Laboratoriais e Sistemas	Barueri - SP
Genoa – Laboratório de Patologia Cirúrgica	São Paulo - SP
Instituto de Anatomia Patológica de Piracicaba	Piracicaba - SP
Instituto de Patologia Cirúrgica e Molecular de Serviços	Belém - PA
Laboratório de Patologia Costa, Nogueira e Távora	Fortaleza - CE
Laboratório de Patologia e Citologia	Londrina - PR
Laboratório Médico Oswaldo Cruz	Goiânia - GO
Ogata e Klock Anatomia Patológica	Itajaí - SC
Rede D’Or São Luiz - Jabaquara	São Paulo - SP

Além disso, já criamos um material de treinamento para os agentes de saúde locais, responsáveis pela coleta, para melhorar a qualidade dessa etapa fundamental do exame”, informa.

Lançamento

Clássico da área, Bogliolo Patologia, chega a sua 10ª edição

Com 1.556 páginas, mais de uma centena de colaboradores e totalmente atualizada, a obra completa 50 anos, levando informação referenciada sobre a Patologia, principalmente a professores de Patologia e estudantes de Medicina.

Um clássico da especialidade, o livro *Bogliolo Patologia*, editado pelo Prof. Geraldo Brasileiro Filho, chega à 10ª edição e celebra seu jubileu de ouro. O livro, com 1.556 páginas, conserva a linha editorial de abordar os aspectos relevantes de Patologia Geral e Patologia Médica e, ao mesmo tempo, foi totalmente atualizado para incorporar os progressos científicos e tecnológicos na área. “Manter-se atualizado é um dos compromissos da obra com seus leitores, principalmente estudantes de Medicina e professores de Patologia, e, certamente, um dos motivos de seu sucesso e perenidade”, afirma o Prof. Geraldo Brasileiro Filho.

Desde a primeira edição, *Bogliolo Patologia* é fonte importante de informações na área e sempre atual sobre os aspectos de etiologia, patogênese, achados morfológicos e fisiopatologia das lesões e doenças. Para isso, o livro conta com cerca de uma centena de colaboradores de todo o país e alguns do exterior, a maioria professores de Patologia reconhecidos por sua

notória experiência e contribuições na especialidade.

Segundo Brasileiro, a obra alcançou um patamar de qualidade, abrangência e profundidade na Patologia que o coloca entre as melhores publicações na especialidade e o qualifica como bibliografia recomendada em qualquer escola médica. Com ele e com bons professores, todo aluno de Medicina tem plenas condições de alcançar a boa formação em Patologia que se espera de todo bom médico”, diz.

Atualização

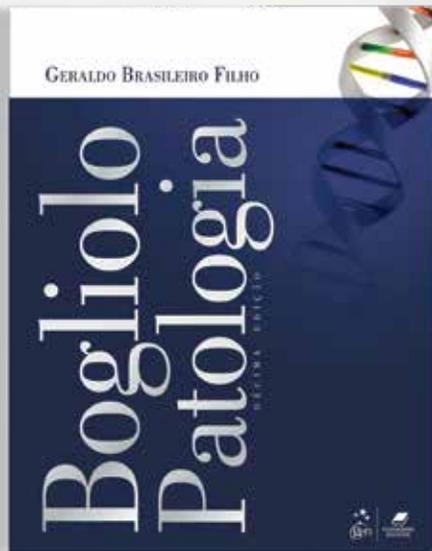
A nova edição teve todos os capítulos atualizados, inclusive com informações já consolidadas sobre a COVID-19, além dos avanços da Patologia nas demais doenças. Entre os destaques, houve melhoria notável nas ilustrações, não só nas imagens de macro e microscopia como também nos desenhos esquemáticos, que tanto ajudam na compreensão do texto. Também mereceu maior enfoque os aspectos fisiopatológicos das doenças, que são componen-

te muito importante, para estudantes e para médicos, na compreensão e na abordagem das doenças.

A nova edição também explora, ainda mais, os aspectos morfológicos úteis para a compreensão do quadro clínico dos doentes e para o diagnóstico de doenças por exames de imagens e endoscopia, contribuindo assim para o diagnóstico mais seguro e específico. Além desses e ao tratar dos aspectos causais e patogênicos das lesões, o livro procura fornecer elementos importantes para orientar o tratamento e a prevenção de doenças.

Para o editor, *Bogliolo Patologia* cumpre muito bem o seu papel de ser fonte confiável e atualizada para o aprendizado da Patologia e reforça a importância desta na formação e na prática médica.

Para mais informações sobre o livro no formato impresso ou e-book, acesse:



<https://www.grupogen.com.br/bogliolo-patologia-9788527737685>



Target Web DESDE 1999
SOLUÇÕES NA SAÚDE

Desenvolvido especificamente para laboratórios de anatomia patológica. Fácil de usar, interface amigável, customizável e atualizações constantes.

www.citopatologia.com.br

Experiência, Tecnologia, Segurança e Rastreabilidade

LAUDOS CERTIFICADOS, CÓDIGO DE BARRAS, QR-CODE, LGPD O MAIS COMPLETO DO MERCADO, CONHEÇA E COMPROVE.



VIDEO DEMONSTRATIVO

47 98832.1598

47 3321.7836

Fundo em homenagem a Daniela Correia Salles vai investir em jovens patologistas

A SBP e colegas da Dra. Daniela Correia Salles, do Hospital Johns Hopkins, criaram o "Fundo Daniela Correia Salles, MD", destinado a investir na educação de jovens patologistas. A iniciativa é uma homenagem a jovem médica patologista baiana, de 35 anos, que atuava na instituição norte-americana como fellow e depois research fellow, desde 2018, e que morreu vítima de um trágico acidente de carro em 9 de outubro, em Tinto Falls, NJ, EUA. Também faleceu no mesmo acidente, seu marido, Angel L. Acevedo Jr, 40.

O "Fundo Daniela Correia Salles, MD" será utilizado para proporcionar bolsas de estudos, sobretudo, a residentes de patologia. Além disso, poderá custear viagens para congressos nacionais e internacionais etc. As atividades patrocinadas serão escolhidas anualmente pela diretoria da SBP e pela Dra. Tamara Lotan, professora de patologia e oncologia na Escola de Medicina da Johns Hopkins University. Todo o processo será feito de maneira transparente, criteriosa, com registro dos recursos arrecadados e utilizados.

Dra. Daniela era natural de Salvador, Bahia. Formou-se médica na Faculdade de Medicina de Petrópolis, Rio de Janeiro e fez residência médica em Patologia no Hospital das Clínicas da USP. Nos Estados Unidos, era fellow do Hospital Johns Hopkins. Estava concluindo uma bolsa de pós-doutorado em pesquisa com a Dra. Tamara Lotan. Para saber mais sobre a história

dessa maravilhosa médica patologista muito querida e contribuir com o "Fundo Daniela Correia Salles, MD", acesse:



<http://www.sbp.org.br/fundo-daniela-correia-salles/>



Estamos na era da multidisciplinaridade

O 33º Congresso Brasileiro de Patologia e o 26º Congresso Brasileiro de Citopatologia será presencial em Foz do Iguaçu (PR), de 3 a 6 de agosto de 2022. As inscrições estão abertas! Com o tema Era da Multidisciplinaridade, o evento vai reunir palestrantes nacionais e internacionais e abordar assuntos essenciais da especialidade, como: patologia molecular, ginecopatologia, neuropatologia, uropatologia, patologia mamária e muitos outros. Além de participar do evento, você também pode submeter trabalhos científicos em duas categorias: relato de caso e comunicação científica. O prazo para submissão de resumos é 11 de abril de 2022.

Para mais informações, acesse:



<http://congressodepatologia.org.br>

biogen
Completa e inovadora linha de
EQUIPAMENTOS
para
ANATOMIA PATOLÓGICA



SAKURA

www.biogenbr.com.br | biogen@biogenbr.com.br | +55 11 3035-3500



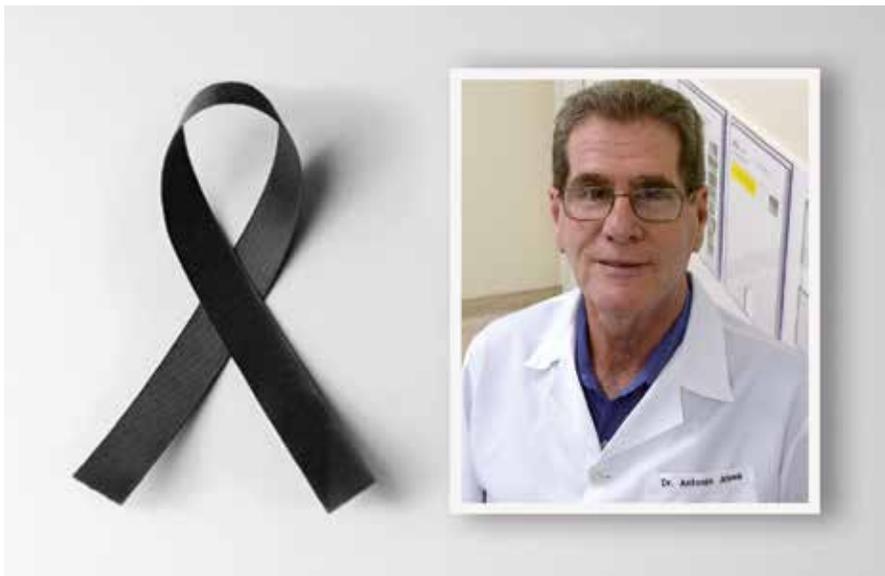
Prof. Antônio Corrêa Alves deixa um legado inestimável à Patologia

Com atuação, principalmente, na docência na Escola Paulista de Medicina, da Unifesp, o mestre contribuiu para formar novas gerações de patologistas

Nas formaturas dos estudantes da Escola Paulista de Medicina, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o convidado para ser o mestre de cerimônias, invariavelmente, era o Prof. Antônio Corrêa Alves. “Ele sempre foi um professor muito querido pelos alunos, reconhecido pela facilidade que tinha de transmitir conhecimento de modo muito didático o que refletia na qualidade das aulas”, conta o médico patologista Prof. João Norberto Stavale, que conheceu o Prof. Antônio, em 1977, no Departamento de Patologia da Unifesp. Foi nessa ocasião que, além de docentes do curso de patologia, eles se tornaram amigos. O falecimento do Prof. Antônio em 3 de novembro causou comoção entre os colegas, alunos e ex-alunos da Unifesp e naqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo como médico patologista.

O amigo Prof. João Norberto lembra como a opinião do Prof. Antônio era valorizada. “Eu mesmo, assim como outros colegas, gostava de discutir e saber a opinião dele sobre casos de pacientes. Além de excelente profissional, estava sempre disponível para conversar com residentes e colegas”, afirma.

Apesar de especializado em hematopatologia, o Prof. Antônio também entendia muito de patologia geral, experiência obtida em sua atuação na Santa Casa de Misericórdia e em laboratórios privados. Mesmo depois de aposentado, era comum ver o Prof. Antônio, especialmente, às sextas-feiras, no Departamento de Patologia da Unifesp, conversando com residentes e colegas, generosamente, compartilhando conhecimento e opinando sobre casos. “Sempre com o bom humor que era outra de suas marcas”, lembra o Prof. João Norberto.



Fotos: Divulgação Unifesp



Professores do Departamento de Patologia da Unifesp (da esq. à dir.): João Roberto Stavale, Roberto Aindar Aun, Osvaldo Giannotti, Jorge Michalany e Miguel Burnier. O prof. Antônio Corrêa Alves é o último à direita

Com a vida dedicada à patologia, a maior parte na docência, formando novas gerações de patologistas, Prof. Antônio deixa um legado inestimável à patologia. Era graduado em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fez Residência Médica em Patologia pela Santa Casa de Misericórdia e mestrado em Patologia na Escola Paulista de Medicina – Unifesp/SP. Além disso, fez estágio em hematopatologia, em Faculté de Médecine de Toulouse – Purpan, França.

A Sociedade Brasileira de Patologia (SBP) lamenta profundamente essa perda e ressalta o importante legado como docente, médico e ser humano deixado pelo Prof. Antônio Corrêa Alves. Nossos sinceros sentimentos a esposa, filhas e netos desse brilhante professor e médico patologista

Confira no site da SBP, a carta do Professor Georges Delsol, do Centre Hospitalier Universitaire (CHU) de Toulouse (França), em homenagem ao Dr. Antônio Corrêa Alves.



<http://www.sbp.org.br/carta-do-professor-georges-delsol-em-homenagem-ao-dr-antonio-correa-alves/>



Solução completa de citologia em meio líquido
para amostras ginecológicas e não ginecológicas,
desde a coleta até o preparo das lâminas.



Mais agilidade com o GP100

- Processe 100 lâminas por hora
- Duas amostras por vez
- Compacto e baixo nível de ruído
- Compra, aluguel ou comodato



Exclusivo Filtro Duplo de Membrana

- Lâminas monocamada
- Retém muco, sangue e outros artefatos
- Membrana para imprint na lâmina sem falhas



Citologia em meio líquido

- Cérvico vaginal, PAAF, líquidos cavitários e urina
- Exames de Biologia Molecular com a mesma amostra
- Exclusiva Escova Cervical GynoPrep com máxima obtenção de células endocervicais na amostra

Tenha sua **própria experiência!**

Faça uma **avaliação gratuita** do método e equipamento

Escaneie o código
e assista ao vídeo

